

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: HISTÓRICO E SUAS IMPLICAÇÕES

Tahiana Baroni¹; Elisângela Alvarenga¹; Silvia Brito¹; Maria Angélica Gomes Maia²

¹ ISE, (Instituto Superior de Educação), Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP. R.Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquários, São José dos Campos, SP. E-mail: taybaroni@hotmail.com

² ISE, (Instituto Superior de Educação), Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP. R.Tertuliano Delphim Júnior, 181, Jardim Aquários, São José dos Campos, SP. E-mail: mamaia@univap.br

Resumo: O presente trabalho busca refletir e apresentar um breve histórico do percurso da educação de Jovens e Adultos no Brasil, por meio da análise de observações realizadas em uma sala de Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Ciclo I, de um Projeto Social em parceria com uma universidade do Vale do Paraíba/UNIVAP, bem como apresentar a proposta metodológica que a professora utiliza e como conduz a aula. Investigamos também o porquê do aumento da procura por essa modalidade de ensino e qual é o motivo das faltas frequentes e do crescente número de evasão escolar, baseando-se no que é preconizado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos (2000) e autores como Paulo Freire, Anízio Teixeira e Magda Soares. A partir dos dados e das observações realizadas, obtivemos considerações sobre a prática da EJA, verificando como ocorre o processo de ensino e quais são suas metodologias e implicações visando contribuir e colaborar com o processo de ensino-aprendizagem desta etapa da escolaridade.

Palavras-chave: História da Educação, Metodologia, Evasão escolar, Alfabetização de Jovens e Adultos.

Área do Conhecimento: VII - Ciências Humanas (Educação)

Introdução:

Salientamos a importância de discorrer sobre alguns fatos relevantes na história da Educação de Jovens e Adultos no Brasil, principalmente a partir da década de 30, momento em que a Educação de Jovens e Adultos começa a delimitar seu lugar dentro do cenário da educação nacional, mesmo com seu singelo início.

Com a ampliação da educação elementar, na década de 40, a Educação de Jovens e Adultos se reforça e forma a Campanha Nacional de Massa. Essa Campanha se extinguiu antes do final da década de 50, por suas deficiências administrativas e financeiras e também quanto à sua prática pedagógica.

Entretanto, na década de 60 desponta o pensamento do educador Paulo Freire, apresentando uma proposta pioneira para a Alfabetização de Adultos, pautada na participação efetiva do sujeito aprendiz, com palavras geradoras advindas do universo vocabular social do educando e, esta metodologia inspira e altera os principais programas de alfabetização do país.

Nessa nova concepção de alfabetização, a língua escrita vem acompanhada por um processo de construção do conhecimento, que se dá por meio de diálogos de interação entre educador e educando. A proposta de Paulo Freire baseia-se na realidade do educando, levando-se em conta suas experiências, suas opiniões e sua história de vida.

Segundo Freire, (2002, p. 58)

[...] para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizando assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.

Em 1964, a aprovação do Plano Nacional de Alfabetização, tenta disseminar por todo o Brasil, os programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire. Mas essa proposta foi interrompida com o Golpe Militar e os envolvidos foram duramente reprimidos.

No ano de 1967, o governo assume o controle dos Programas de Alfabetização de Adultos, tornando-os assistencialistas e conservadores. Nessa nova fase, inicia-se o MOBRAF – Movimento Brasileiro de Alfabetização e também a Campanha Massiva de Alfabetização, iniciada conforme a Lei nº. 5.379/67.

Das iniciativas do MOBRAF expandido por todo o país, a mais importante foi o PEI – Programa de

Educação Integrada, na década de 70, que era uma forma condensada do antigo curso primário, como aponta o histórico do EJA da Secretaria Municipal de Educação de Mato Grosso, documento datado de 2007.

Entretanto, na década de 80, houve uma emergência dos movimentos sociais e o início da abertura política, portanto, os projetos de alfabetização se desdobraram em turmas de pós-alfabetização.

Desacreditado, o MOBRAL foi extinto em 1985 e seu lugar foi ocupado pela Fundação Educar, que apoiava, financeira e tecnicamente, as iniciativas do governo, das entidades civis e das empresas. Com a extinção da Fundação Educar, na década de 90, criou-se um enorme vazio na Educação de Jovens e Adultos.

Alguns estados e municípios se responsabilizaram por essa modalidade de ensino, com a intenção de suprir e oferecer programas nessa área.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil chega à década de 90 precisando de reformulações pedagógicas.

Em 1990, acontece na Tailândia/ Jomtiem, a Conferência Mundial de Educação para Todos, onde foram estabelecidas diretrizes planetárias para a Educação de Crianças, Jovens e Adultos.

Realizou-se em 1997, na Alemanha/Hamburgo, a V Conferência Internacional de Educação de Jovens, promovida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas). Essa conferência representou um importante marco, na medida em que estabeleceu a vinculação da educação de adultos ao desenvolvimento sustentável e equitativo da humanidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 9394/96, de 1998, dedica dois artigos (artigo 37 e 38), no Capítulo da Educação Básica, Seção V, para reafirmar a obrigatoriedade e a gratuidade da oferta da educação para todos que não tiveram acesso na idade própria.

No ano de 2000 é aprovado o Parecer nº. 11/2000 – CEB/CNE, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

Para Freire, (1987, p. 49)

[...] aprender a ler e a escrever se faz assim uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa dizer a palavra: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar.

Em janeiro de 2003, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do novo governo federal. Criando a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, cuja meta era erradicar o analfabetismo durante o mandato de quatro anos do governo Lula. Desenvolveu-se o Programa Brasil Alfabetizado, onde o MEC contribui com os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos para que desenvolvam ações de alfabetização como: Alfabetização de jovens e adultos e formação de alfabetizadores.

Há um intenso movimento de jovens e adultos voltando à sala de aula. Quem não teve oportunidade de estudar na idade apropriada, ou que por algum motivo abandonou a escola antes de terminar a Educação Básica.

Segundo Soares, (1998, p.31):

[...] um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva,...., se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Grande parte dessa procura deve-se ao crescimento social, a mudança econômica e o avanço tecnológico, as pessoas se sentem obrigadas a procurar a escola na tentativa de conseguir um emprego na cidade, melhorar seu padrão de vida ou manter-se atualizado.

Segundo Teixeira, (apud, GADOTTI, 1998, p. 243)

Nos dias de hoje, quando a ciência vai refazendo o mundo e a onda de transformação alcança as peças mais delicadas da existência humana, só quem vive à margem da vida, sem interesses e sem paixões, sem amores e sem ódios, pode julgar que dispensa uma filosofia.

A Educação de Jovens e Adultos visa à transformação necessária, com o objetivo de cumprir de maneira satisfatória sua função de preparar os jovens e adultos para o exercício da cidadania e para o mundo do trabalho, como reafirma o grande mestre Paulo Freire (1996) que no processo de ensino e aprendizagem ambos aprendem professor e aluno, é fundamental o papel do professor como elemento facilitador de

situações para que sujeito aprendiz perceba-se e valorize-se na construção de seu conhecimento.

A partir do momento que o professor leciona nessa modalidade de ensino, é comum ele se deparar com problemas diversos, tais como: baixa auto-estima, pouca participação, muitos atrasos e faltas freqüentes.

Entretanto, as razões que movem os estudantes do EJA são diferentes. A auto-estima é baixa porque vivemos numa sociedade que os faz desacreditar da própria capacidade cognitiva. No começo das aulas, o estudante enfrenta uma fase de insegurança, ele fala pouco porque tem vergonha, as faltas excessivas muitas vezes são decorrentes ao árduo trabalho exercido pelo estudante durante o dia e depois têm que freqüentar a escola. Alunos esses, que na maioria das vezes, não se sentem completamente integrado na escola.

Segundo Soares, (1991, p. 24)

Tradicionalmente, a linguagem utilizada na escola coloca em evidência as diferenças entre grupos sociais e gera discriminação e fracasso: variantes lingüísticas socialmente estigmatizadas, usadas por alunos provenientes de camadas populares, provocam preconceitos lingüísticos e resultam em dificuldades de aprendizagem. A escola usa e quer ver usada a variante - padrão socialmente prestigiado.

Nosso objetivo foi tecer considerações sobre a prática da EJA, verificando seu histórico no país, e também como ocorre e quais são suas metodologias e implicações.

Materiais e Métodos:

Para observação e coleta de dados, foi realizada uma pesquisa de campo, onde pudemos observar a prática docente de conduzir uma aula para Jovens e Adultos (EJA), e sua metodologia aplicada à aula bem como a condução da mesma.

Realizamos filmagem de uma aula específica de língua portuguesa que consistiu em cópia da lousa de um texto chamado "O gato preto", com a respectiva interpretação do texto, também exercícios de gramática. Ainda pudemos presenciar uma recordação de aulas anteriores. Motivo pelos quais alguns alunos não se encontravam presentes.

Para completar, foi realizada uma entrevista informal com a professora para verificar os principais desafios para lecionar nessa

modalidade de ensino, aonde foram apontados como motivos principais: a evasão e as faltas freqüentes dos alunos. Solicitamos ainda, uma explicação abreviada do método de ensino e avaliação utilizado por ela.

Resultados e Discussão:

Constatou-se que existe uma grande diversidade de níveis de alfabetização na sala, o que atrapalha um pouco a condução da aula.

A sala de aula é composta por 13 mulheres e 3 homens, mas somente 6 mulheres e 1 homem realizam todas as atividades propostas pela professora.

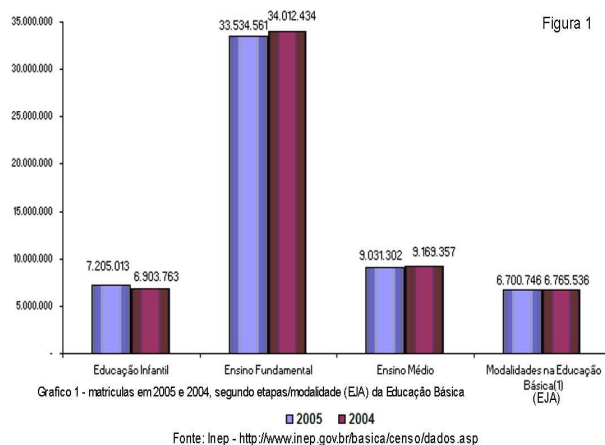
Diante deste fato, os demais alunos da sala, que é composta por 7 mulheres e 2 homens realizam somente a cópia do texto e sua interpretação, auxiliados pelas 4 monitoras.

A sala de aula é dividida em grupos e por níveis de alfabetização. A professora tem como recurso duas lousas, o que facilita para que o segundo grupo compreendido de 1ª a 4ª série possa continuar seus estudos. Enquanto, o outro grupo conta com o apoio das estagiárias para execução dos exercícios de interpretação.

A professora relata que as faltas freqüentes são grandes, o que dificulta o processo de aprendizagem. A entrada de um novo aluno é motivo de falta pelo fato da retomada da matéria.

Não há avaliação aplicada, os alunos são avaliados diariamente e conforme a professora acha necessário avança ou retoma a matéria.

O gráfico, figura 1 do INEP (2004-2005) ilustra a demanda e pequena variação pela procura da modalidade de EJA em âmbito nacional.



Conclusão:

Vimos que essa modalidade de ensino demorou algumas décadas para delinear e afirmar em nosso país e que só recentemente teve uma legislação específica para a EJA, contemplada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, (CEB 11/200), documento

que visa normatizar e direcionar de forma ampla as práticas metodológicas para este segmento.

Percebemos também que a luta pela Educação de Jovens e Adultos, já vem acontecendo há algum tempo, é um processo histórico, político como toda a educação, mas percebemos que existe ainda uma lacuna entre a busca de melhores metodologias aliadas a real valorização dos saberes construído pelo aluno, configurada no respeito pelos seus conhecimentos prévios e atividades que de fato contemplem estes saberes socialmente construídos. Ainda temos situações didáticas e aulas com atividades descaracterizadas, sendo às vezes as mesmas lecionadas para alunos do ensino fundamental, algumas nem mesmo adaptadas.

A grande procura pela EJA acontece por causa do avanço tecnológico, e também pela solicitação de pessoas mais capacitadas no mercado de trabalho, além de diversas necessidades pessoais.

Os professores deste segmento precisam estar atentos para a dinâmica do trabalho docente, em função do perfil de seus alunos (trabalhadores que levantam cedo, vão para escola direto do trabalho etc.) tais fatores acima mencionados contribuem para o grande índice de evasão e as faltas frequentes que tem como motivo maior à vergonha, cansaço, responsabilidades domésticas, desmotivação e principalmente, a falta de incentivo por parceiros ou familiares.

O domínio da leitura e escrita está cada vez mais presente e cobrada para todos os segmentos sociais, ela é um fator de exclusão social e da impregabilidade, principalmente em nossa cidade e região em que a indústria é baseada em alta tecnologia, um pólo tecnológico.

Quanto mais dinâmica, participativa, reflexiva e que atenda os interesses e necessidades reais dos alunos, mais fácil a superação destas dificuldades.

A pesquisa aponta diretamente para esta direção: a aula para o jovem e adulto quando pautada em atividades grupais, baseada na metodologia da resolução de situações-problema, textos de jornais com situações atuais e que permitam o desenvolvimento do debate, da interpretação, da matemática sendo realizada por meio de situações contextualizadas promovem a participação e o aumento da consciência e construção real de conhecimentos para a sua vida enquanto cidadãos.

Sabemos, portanto, que esse será mais um longo trajeto que esse tipo de ensino deve percorrer.

Referências:

Diretrizes Curriculares Nacional para Educação de Jovens e Adultos. CEB nº 11/2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** 10. ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002.

GADOTTI, Moacir. **Histórias das Idéias Pedagógicas.** 6. ed. São Paulo. Ática, 1998.

INEP. **Dados mostram pequena variação nos últimos dois anos.** Disponível em <http://www.inep.gov.br/basica/censo/dados.asp> > Acesso em 29 Agosto 2007.

MATO GROSSO. Secretaria de Educação. **Histórico da Eja.** Disponível em <http://www.seduc.mt.gov/conteudo.php?sid=154&cid=3310&parent=154> > Acesso em 28 Ago 2007.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. Revista Selva. **EJA: Uma educação possível ou mera utopia?** Disponível em http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf > Acesso em 26 Junho 2008.

SOARES, Magda Becker. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** São Paulo: Ática, 1991.

SOARES, Magda Becker. **Letramento.** São Paulo: Ática, 1991.